

**PREOCUPADO** com a realidade atual,  
tão instável, tão transitória?

**BUSCA** uma resposta bíblica, séria,  
à avalanche de espiritualidades prolife-  
rando por todos os lados?

**PROCURANDO** formação bíblico-  
teológica para o ministério  
cristão?

**Temos o curso de Teologia  
que você procura!**

## CURSO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM BÍBLIA E TEOLOGIA

Curso de pós-graduação *lato sensu*

Curso que visa aprimorar a reflexão bíblico-teológica tendo em vista os desafios de nossa realidade – em especial aqueles decorrentes do modernismo e pós-modernismo em seus efeitos desagregadores para as pessoas e a sociedade.

Um curso sob medida para você, que é pastor, missionário, obreiro eclesial, ou alguém envolvido com o ministério cristão e portador de diploma de curso superior.

## CURSO DE BACHAREL EM TEOLOGIA

Um curso de quatro anos de duração, incluindo *Estágio Supervisionado*. Proporciona uma formação teológica nas áreas Bíblica, Sistemática e Prática, estimulando a reflexão contextual e o exercício prático do ministério cristão.

Requisitos: 2º grau completo; membro ativo numa comunidade cristã.

**Vestibular:** 7 e 8 de dezembro. **Inscrições** até 28 de novembro de 2002.

Outros cursos: *Curso Bíblico Básico* (1 ano); *Curso por Extensão*.

**INFORMAÇÕES**  
**FACULDADE LUTERANA DE TEOLOGIA – FLT-MEUC**  
Caixa Postal 431 – 89290-000 São Bento do Sul – SC  
☎ (047) 635-1108 Fax: ramal 240 / Secretaria: ramal 233  
e-mail: ceteol@ceteol.com.br www.ceteol.com.br

## DE TRINITATE AGOSTINHO DE HIPONA E A DOCTRINA DA TRINDADE

Franklin Ferreira\*

“Ó minha fé, vai avante na tua confissão. Diz ao Senhor teu Deus: santo, santo, santo é o Senhor meu Deus. Fomos batizados em teu nome, Pai, Filho e Espírito Santo.” (*Confissões* 13.12)

Atualmente, muitos pensadores cristãos estão reafirmando a importância da doutrina da Trindade em nossa vida diária. Estimulados pela *Kirchliche Dogmatik* de Karl Barth, teólogos católicos e protestantes têm produzido obras importantes sobre essa crença básica da fé cristã. Nos últimos anos, quase todo movimento teológico tem buscado refletir, de alguma maneira, sobre isso e reaplicar a doutrina de Nicéia, produzindo um grande número de estudos trinitários bíblicos, históricos e contemporâneos.<sup>1</sup> Muitos concordariam com Wolfhart Pannenberg que a Trindade é atualmente a mais importante de todas as doutrinas! O alvo deste ensaio é expor a teologia trinitariana de Agostinho. Por uma questão de brevidade, não serão abordadas as diversas heresias que laboravam contra essa doutrina,<sup>2</sup> a trinitologia

\* Franklin Ferreira, é doutorando em teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, e professor de Teologia Sistemática e História da Igreja no mesmo seminário e na Escola de Pastores, no Rio de Janeiro.

<sup>1</sup> Notavelmente Karl Rahner, Eberhard Jüngel, Jürgen Moltmann, Leonardo Boff, Colin Gunton, T. F. Torrance e Millard Erickson. Para a bibliografia, ver J. Scott HORRELL. “O Deus trino que se dá, a *imago Dei* e a natureza da igreja local”, in *Vox Scripturae* VI:2 (Dezembro de 1996), pp. 243-244.

<sup>2</sup> Para as diversas controvérsias sobre a doutrina da Trindade, notadamente o monarquianismo, o arianismo e o semi-arianismo, ver Louis BERKHOF. *A história das doutrinas cristãs*. S.P.: PES, 1992. pp. 71-73, 75-84.

oriental,<sup>3</sup> o desenvolvimento posterior da doutrina e algumas de suas implicações práticas.<sup>4</sup>

## INTRODUÇÃO<sup>5</sup>

Aurelius Augustinus, mais conhecido como Santo Agostinho, nasceu em Tagaste (hoje Souk-Ahras, na Argélia), província romana ao norte da África em 13 de novembro de 354.<sup>6</sup> Foi o primogênito do pagão Patrício, oficial romano de escalão inferior, e da cristã Mônica. Seu irmão Navigio morreu jovem, e sua irmã Perpétua foi membro dos primeiros mosteiros. Em 365, com 11 anos, foi iniciado nos cursos de educação geral em Madaura. Em 370, voltou a Tagaste, e, aos 17 anos, transferiu-se para Cartago, a fim de estudar retórica e artes liberais. Seu pai, Patrício, morreu no ano seguinte, e Agostinho conheceu uma mulher e se uniu a ela nesse mesmo ano. Ele a abandonou mais tarde, e não mencionou seu nome em suas obras. Em 373 tornou-se maniqueu (uma seita filosófico-religiosa dualista),<sup>7</sup> e esse é provavelmente o ano do nascimento de seu filho, Adeodato. Em 374 regressou a Tagaste como professor de gramática, e em 383 foi para Roma, onde continuou a docência. Dois anos depois, ganhou a cátedra de retórica da Casa Imperial e foi para

Milão, onde conheceu Ambrósio, Bispo da cidade.<sup>8</sup> Em 386, no outono, converteu-se,<sup>9</sup> e no ano seguinte, com 33 anos, na noite da Páscoa (24-25 de abril) foi batizado em Milão. Depois desses eventos, sua piedosa mãe, Mônica, faleceu em Óstia Tiberina, porto de Roma. Agostinho voltou para a África, indo de novo para Tagaste, onde vendeu suas posses e projetou seu ideal de vida comum: estudo, pobreza, trabalho e meditação — a análise meditativa<sup>10</sup> da vida interior, dos desejos e das paixões, é umas das principais características da espiritualidade agostiniana. Em 391 foi ordenado sacerdote em Hipona e quatro anos depois foi consagrado Bispo auxiliar. Em 396, aos 42 anos, sucedeu ao Bispo Valério em Hipona. Em 430, Genserico atacou a Numídia e cercou Hipona. No terceiro mês do cerco, em 28 de agosto de 430, Agostinho morreu aos 76 anos de vida.<sup>11</sup>

Foi Agostinho quem deu à tradição ocidental a sua expressão madura

<sup>3</sup> Os interessados devem consultar J. N. D. KELLY. *Doutrinas centrais da fé cristã: origem e desenvolvimento*. S.P.: Vida Nova, 1994. pp. 169-202. Ver também BASÍLIO de Cesaréia. *Homília sobre Lucas 12; Homílias sobre a origem do homem; e Tratado sobre o Espírito Santo*. S.P.: Paulus, 1998. pp. 78-187.

<sup>4</sup> Para as implicações práticas, os leitores são remetidos aos excelentes ensaios de J. Scott HORRELL. “Uma cosmovisão trinitariana”, in *Vox Scripturae* IV:1 (Março de 1994). pp. 55-77; e “O Deus trino que se dá, a *imago Dei* e a natureza da igreja local”, pp. 243-262; além de Ricardo Barbosa DE SOUZA. “A Trindade, o pessoal e o social na espiritualidade cristã”, in *Vox Scripturae* V:1 (Março de 1995). pp. 17-28.

<sup>5</sup> Este ensaio segue, em linhas gerais, a exposição de J. N. D. KELLY. *op. cit.*, pp. 205-210.

<sup>6</sup> Justo L. GONZALES. *Uma história ilustrada do cristianismo: a era dos gigantes*. vol. 2. S.P.: Vida Nova, 1991. pp. 163-178. Para um amplo resumo de suas obras e teologia, ver o verbete de Norman GEISLER, “Agostinho de Hipona”, em Walter A. ELWELL. *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. vol. 1. S.P.: Vida Nova, 1988. pp. 32-35.

<sup>7</sup> O maniqueísmo era uma religião persa que via dois princípios ou deuses opostos: luz e trevas. Estes estão em constante conflito. Para os maniqueus, o universo físico originou-se das trevas, enquanto a alma humana é produto da luz. Essa teoria também tentava explicar a origem do mal, e negava a responsabilidade pelas ações más cometidas, pois elas eram originadas pelas trevas. Agostinho chegou a ver, posteriormente, que o maniqueísmo levantava tantos problemas quantos resolvia, e começou a procurar a verdade em outro lugar, primeiro no neoplatonismo e, depois, no cristianismo. Tony LANE. *Pensamento Cristão: dos primórdios à Idade Média*. vol. 1 S.P.: Abba, 1999. p. 64.

<sup>8</sup> Ambrósio (339-397) foi um dos gigantes entre os Pais da Igreja. Ver Justo L. GONZALES. *op. cit.* pp. 139-146.

<sup>9</sup> Agostinho foi desafiado pelas narrativas das conversões do proeminente filósofo neoplatonista Vitorino e do simples monge Antônio. Rasgado entre dois caminhos, um dia saiu correndo para o jardim da casa onde morava. Lá ele ouviu uma voz de criança cantando: “toma e lê, toma e lê”. Agostinho pegou sua cópia da carta de Paulo aos Romanos 13:13-14. Ele não foi além de “revistam-se do Senhor Jesus Cristo, e não fiquem premeditando como satisfazer os desejos da carne”. Ele escreveu mais tarde: “Não li mais nada, e não precisei de coisa alguma. Instantaneamente, ao terminar a sentença, uma clara luz inundou meu coração e todas as trevas da dúvida se desvaneceram” (*Confissões* 8.29). Sua conversão não somente transformou sua vida, como também reorientou seu pensar.

<sup>10</sup> Meditação significa “refletir com nossas mentes sobre a Bíblia e as verdades de Deus, a fim de amarmos a Deus mais pessoalmente e vivermos como Ele quer que vivamos. A meditação é uma forma de conversa com Deus, ou na presença de Deus, que é mental, ao invés de ser meramente verbalizada”. Ver James HOUSTON. *Orar com Deus: desenvolvendo uma transformadora e poderosa amizade com Deus*. S.P.: Abba, 1995. pp. 262-266. Para a diferença entre a oração verbal, meditação, contemplação e oração extática, ver pp. 249-276.

<sup>11</sup> Colin BROWN. *Filosofia e fé cristã: um esboço histórico desde a Idade Média até o presente*. S.P.: Vida Nova, 1989. p. 15: “Frequentemente tem sido dito que tanto o catolicismo quanto o protestantismo têm sua origem em Agostinho. O primeiro obtém dele (mas não exclusivamente dele) seu alto conceito da igreja e dos sacramentos. O último segue Agostinho na sua visão da soberania de Deus, da perdição do homem no pecado e da graça de Deus que é o meio exclusivo para trazer a salvação ao homem. Assim como ocorre a todos os ditados fáceis, essa declaração acerca de Agostinho simplifica demais. Há, certamente, católicos hoje que compartilham do ponto de vista de Agostinho acerca da salvação e protestantes que não compartilham dele. Seja como for, porém, foi de Agostinho mais do que qualquer outro teólogo individualmente que o pensamento medieval recebeu seu arcabouço teológico de idéias. Mesmo quando pensadores posteriores alteraram a pintura dentro do quadro, o arcabouço com que começaram foi a teologia da igreja primitiva em geral e a de Agostinho em particular.”

e final acerca da Trindade. Durante toda sua vida como cristão meditou sobre a Santíssima Trindade, explicando a doutrina da Igreja aos interessados e defendendo-a contra os ataques dos opositores. Não obstante ser Agostinho mais conhecido por meio de obras tais como as *Confissões* (sua autobiografia, publicada em 400 A.D.),<sup>12</sup> ou *A Cidade de Deus* (publicada em 426 A.D.), provavelmente sua obra-prima, foi o tratado conhecido por *A Trindade*, que ele levou dezesseis anos para redigir – entre 400 e 416 A.D.!<sup>13</sup> Conforme suas próprias palavras: “Sendo ainda muito jovem, iniciei a elaboração desses meus livros sobre a Trindade, que é o Deus sumo e verdadeiro. Agora, entrado em anos, trago-os a público”<sup>14</sup>. De fato, *A Trindade* é a obra de sua maturidade!

Agostinho aceitou sem discussão a verdade de que existe um só Deus que é Trindade, e que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são, simultaneamente, distintos e co-essenciais, numericamente um quanto à substância. Seus escritos estão repletos de declarações detalhadas a esse respeito.

O Pai, o Filho e o Espírito Santo, isto é, a própria Trindade, una e suprema realidade, é a única Coisa a ser fruída (*una quaedam summa res*), bem comum de todos. Se é que pode ser chamada Coisa e não, de preferência, a causa de todas as coisas — se também puder ser chamada causa. Não é fácil encontrar um nome que possa convir a tanta grandeza e servir para denominar de maneira adequada a Trindade. A não ser que se diga que é um só Deus, de quem, por quem e para quem existem todas as coisas (Rm 11,36). Assim, o Pai, o Filho e o Espírito Santo são, cada um deles, Deus. E os três são um só Deus. Para si próprio, cada um deles é substância completa e, os três juntos, uma só substância. O Pai não é o Filho, nem o Espírito Santo. O Filho não é o Pai, nem o Espírito Santo. E o Espírito Santo não é o Pai nem o Filho. O Pai é só Pai, o Filho unicamente Filho, e o Espírito Santo unicamente Espírito Santo. Os três possuem a mesma eternidade, a mesma imutabilidade, a mesma majestade, o mesmo poder. No Pai está a

unidade, no Filho a igualdade e no Espírito Santo a harmonia entre a unidade e a igualdade. Esses três atributos todos são um só, por causa do Pai, todos são iguais por causa do Filho e todos são conexos por causa do Espírito Santo.<sup>15</sup>

Caracteristicamente, em nenhum lugar Agostinho tentou demonstrar essas afirmações. Trata-se de um dado da revelação que, segundo ele, as Escrituras proclamam em quase toda a página<sup>16</sup> e que a *fides catholica* transmite aos que crêem. Em seu entendimento, Deus é incompreensível, mas não incognoscível, havendo duas vias de conhecimento de Deus:<sup>17</sup> a via da eliminação, ou negação (*apofática*, que consiste em suprimir de Deus todos os defeitos das criaturas) e a eminência (*catafática*, que consiste em atribuir a Deus, elevando-as ao infinito, todas as perfeições).

Seu imenso esforço teológico foi uma tentativa de compreensão, o exemplo supremo de seu princípio de que a fé deve preceder o entendimento (*praecedat fides, sequitur intellectus*).

A fé busca, o entendimento encontra; por isso diz o profeta: *Se não crederdes, não entenderéis* (Is 7.9). Doutro lado, o entendimento prossegue buscando aquele que a fé encontrou, pois, *Deus olha do céu para os filhos dos homens*, como é cantado no salmo sagrado: *para ver se há alguém que tenha inteligência e busque a Deus* (Sl 13.2). Logo, é para isto que o homem deve ser inteligente: para buscar a Deus.<sup>18</sup>

<sup>12</sup>Segundo Houston, “enquanto não lermos as *Confissões* de Agostinho, não teremos idéia da honestidade que podemos expressar diante de Deus”. Ver James HOUSTON, *op. cit.* p. 253.

<sup>13</sup>A obra *A Trindade* está dividida em duas partes, bem distintas. A primeira, com uma ênfase bíblica, vai do livro I ao VII. É a seção teológica propriamente dita. A segunda parte, do livro VIII ao XV apresenta um caráter especulativo psicológico e filosófico, no gênero analógico.

<sup>14</sup>“Carta 174” dirigida ao bispo Aurélio de Cartago, em 416. in: *Santo Agostinho, A Trindade*. S.P.: Paulus, 1994. p. 19.

<sup>15</sup>AGOSTINHO, *A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã*. S.P.: Paulinas, 1991. 1.5, pp. 55-56.

<sup>16</sup>*A Trindade* 1-4, pp. 23-189.

<sup>17</sup>*A Trindade* 5.2, p. 193. “Todo aquele que refletir sobre Deus desse modo, embora não chegue a conhecer plenamente o que ele é, contudo — enquanto pode —, como homem piedoso, evitará pensar dele, o que ele não é.”

<sup>18</sup>*A Trindade* 15.2, pp. 480-481. Nessa obra, bascando-se no Credo de Nicéia, construiu o primeiro tratado verdadeiramente sistemático da doutrina da Trindade. No primeiro concílio doutrinal da Igreja, realizado na cidade de Nicéia (na atual Turquia), em 325 A.D., foi elaborado o Credo de Nicéia. Esse credo expressa mais precisamente a doutrina da trindade contra o arianismo. Essa posição foi reafirmada no Concílio de Constantinopla (381 A.D.): “Creio em um só Deus, o Pai onipotente, criador do céu e da terra, de todas as coisas, visíveis e invisíveis. E em um só Senhor Jesus Cristo, filho unigênito de Deus e nascido do Pai antes de todos os séculos, Deus de Deus, Luz de Luz, Deus verdadeiro de

São contínuas as orações cheias de amor e confiança que Agostinho dirige a Deus, no correr de sua tarefa de investigar o mistério da Trindade. E são um testemunho da dependência e ardente súplica, tão características da oração agostiniana. Constatamos assim, estar toda obra teológica de Agostinho elaborada em clima de oração. Nele estão unidas a *sapientia* (“a sabedoria refere-se à contemplação”) e a *scientia* (“a ciência diz respeito à ação”), o esforço na busca de sabedoria espiritual.<sup>19</sup>

### A SANTÍSSIMA TRINDADE SEGUNDO AGOSTINHO

A exposição da doutrina trinitária em Agostinho é inteiramente baseada nas Sagradas Escrituras. Entretanto, em contraste com a tradição que fez da Pessoa do Pai o seu ponto de partida, Agostinho principia com a natureza divina em si mesmo. É essa simples e imutável natureza ou essência que é Trindade.<sup>20</sup> A unidade da Trindade é assim colocada em primeiro plano, excluindo-se rigorosamente todo tipo de subordinacionismo. Tudo o que é afirmado de Deus é afirmado igualmente de cada uma das três Pessoas: “o Deus único e verdadeiro não é somente o Pai, mas o Pai, o Filho e o Espírito San-

---

Deus verdadeiro, gerado, não feito, consubstancial ao Pai, por quem foram feitas todas as coisas; o qual por amor de nós homens e por nossa salvação, desceu dos céus, e se encarnou, pelo Espírito Santo, na virgem Maria, e se fez homem; foi também crucificado em nosso favor sob Pôncio Pilatos; padeceu e foi sepultado; e ao terceiro dia ressuscitou, segundo as Escrituras; e subiu aos céus; está sentado à destra do Pai, e virá pela segunda vez, em glória, para julgar os vivos e os mortos; e seu reino não terá fim. E no Espírito Santo, Senhor e vivificador, o qual procede do Pai [e do Filho]; que juntamente com o Pai e o Filho é adorado e glorificado; que falou pelos profetas. E a igreja, una, santa, católica [eristã] e apostólica. Confesso um só batismo, para a remissão dos pecados, e espero a ressurreição dos mortos e a vida do século vindouro. Amém”. Wayne GRUDEM. *Teologia Sistemática*. S.P.: Vida Nova, 1999. p. 996.

<sup>19</sup>“No temor do Senhor está a sabedoria, e evitar o mal é ter entendimento” (Jó 28:28). Essa oposição corresponde às duas funções da razão: uma superior, pela qual a alma se dedica à contemplação das realidades eternas; e outra inferior, pela qual a alma aplica-se ao conhecimento das realidades temporais. *A Trindade* 12.21b-23. pp. 386-390.

<sup>20</sup>Como diz J. N. D. KELLY, *op. cit.* p. 205: ele “prefere ‘essência’ à ‘substância’, pois esta última implica um sujeito com atributos, enquanto, para Agostinho, Deus é idêntico a Seus atributos”: *et haec trinitas unus est deus e trinitatem quae deus est*. Ver AGOSTINHO. *A Cidade de Deus* vol. II [Livros IX a XV]. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993. 11.10. pp. 1011-1014. Para uma explicação dos termos-chave da doutrina trinitariana (principalmente “substância = natureza = essência: uma única” e “hipóstase = subsistência = pessoa: três realmente distintas”), ver Leonardo BOFF. *A Trindade, a sociedade e a libertação*. Petrópolis, Vozes: 1986. pp. 111-126.

to”.<sup>21</sup> Diversas conseqüências se seguem dessa ênfase na unidade da natureza divina.

Primeiro, tudo o que pertence à natureza divina como tal deve, numa linguagem exata, ser expresso no singular, já que essa natureza é única. Conforme o chamado Credo de Atanásio (que é totalmente agostiniano), embora cada uma das três Pessoas seja incriada, infinita, onipotente, eterna, não há três incriados, infinitos, onipotentes e eternos, mas apenas um.

Os diferentes nomes aplicados a cada uma das três pessoas na Trindade, traduzem relação recíproca, tais como: Pai e Filho, e o Dom de ambos, o Espírito Santo. Com efeito, não se pode dizer que o Pai é a Trindade, ou que o Filho é a Trindade, nem o Dom ser a Trindade. O que é dito, porém, de cada um dos três em relação a si mesmo, é dito não no plural, mas no singular, pois é referente a uma única realidade: a própria Trindade.<sup>22</sup>

Segundo, a Trindade possui uma única e indivisível ação e uma única vontade. Sua operação é “inseparável”.<sup>23</sup> Em relação à ordem contingente as três Pessoas atuam como “um único princípio”<sup>24</sup> e como as Pessoas são inseparáveis, “assim também operam inseparavelmente”.<sup>25</sup> Como exemplo disso, Agostinho argumenta que as teofanias, manifestações de Deus registradas no Antigo Testamento, não devem ser consideradas, como a tradição patrística primitiva tendia a considerar, como manifestações exclusivamente do Verbo. Algumas vezes as teofanias podem ser atribuídas ao Verbo,

---

<sup>21</sup>*A Trindade* 6.9, pp. 227-229; Ver também 7.12, pp. 256-257: “Cria o homem no Pai, no Filho e no Espírito Santo, como um só Deus, grande, onipotente, bom, justo, misericordioso, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis, e tudo o mais que dele se possa dizer digna e verdadeiramente, conforme a capacidade da inteligência humana. E quando ouvir dizer que o Pai é um só Deus, não separe o Filho e o Espírito Santo, porque com ele são um só Deus. Quando ouvir dizer que o Filho é um só Deus é mister entender assim, mas sem separá-lo do Pai e do Espírito Santo. E de tal modo diga que existe uma só essência, e não considere a essência de um ser maior ou melhor do que a do outro e diferente em algum aspecto. Contudo, não pense que o Pai é o Filho ou Espírito Santo ou qualquer coisa que uma pessoa em separado diga relação às outras, como por exemplo, o termo ‘Verbo’ aplica-se somente ao Filho, e Dom afirma-se somente a respeito do Espírito Santo”.

<sup>22</sup>*A Trindade* 8.1, p. 259; Ver também 6.9, pp. 227-229; 5.10-16, pp. 203-213.

<sup>23</sup>*A Trindade* 2.9, p. 78.

<sup>24</sup>*A Trindade* 5.15, pp. 208-210.

<sup>25</sup>*A Trindade* 1.7, p. 31; 2.3, pp. 71-73.

ou ao Espírito Santo, algumas vezes ao Pai, outras vezes a todos os Três; outras vezes ainda é impossível decidir a qual das três Pessoas atribuí-las.<sup>26</sup>

A dificuldade óbvia que essa teoria sugere é que ela parece ignorar os diversos papéis das três Pessoas. A isso Agostinho responde que, embora seja verdade que o Filho, distinto do Pai, nasceu, sofreu e ressuscitou, é igualmente verdade que o Pai cooperou com o Filho na realização da Encarnação, paixão e ressurreição. Era conveniente para o Filho, no entanto, em virtude de sua relação com o Pai, manifestar-se e fazer-se visível.<sup>27</sup> Em outras palavras, já que cada uma das Pessoas possui a natureza divina de uma maneira particular, é apropriado atribuir a cada uma delas, na operação externa da Divindade, o papel que Lhe é apropriado em virtude de Sua origem.<sup>28</sup>

### A DISTINÇÃO DAS PESSOAS<sup>29</sup>

Segundo Agostinho, a distinção das Pessoas se fundamenta nas suas relações mútuas com a Divindade. Embora consideradas como substância divina, as Pessoas sejam idênticas, o Pai se distingue como Pai por gerar o Filho, e o Filho se distingue como Filho por ser gerado.

<sup>26</sup>A *Trindade* 2.14-34, pp. 85-110; 3.4-27, pp. 114-143.

<sup>27</sup>A *Trindade* 2.9, pp. 78-80; 2.18, pp. 90s.

<sup>28</sup>A teologia cristã tem distinguido entre *Trindade imanente* e *Trindade econômica*. Trindade imanente é a Trindade considerada em si mesma, em sua eternidade e comunhão pericorética entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. A Trindade econômica é a Trindade que se auto-revelou na história da humanidade e age em vista à nossa participação na comunhão trinitária. Ver Karl RAHNER. “O Deus Trino, fundamento transcendente da história da salvação”, in: Johannes FEINER & Magnus LOEHRER. *Mysterium Salutis: compêndio de dogmática histórico-salvífica – a histórica salvífica antes de Cristo* III/1. Petrópolis: Vozes, 1972. pp. 292-294, 342-344.

<sup>29</sup>O tema da distinção de pessoas, em que o Deus Trino é amor mútuo (1 Jo 4:8), foi desenvolvido profundamente por um monge escocês chamado Ricardo (?-1173), que vivia no Mosteiro de São Vitor, perto de Paris, e por isso ficou conhecido como Ricardo de São Vitor. Seu entendimento, afirmado na obra *Tratado sobre a Santíssima Trindade* 3.2-7 ([www.accio.com.br/Nazare/1946/r-trintt.htm](http://www.accio.com.br/Nazare/1946/r-trintt.htm)) pode ser resumido assim: Não há nada mais perfeito que a caridade. Portanto, se Deus possui a plenitude de tudo o que é bom e perfeito, Ele possui a plenitude da caridade. Se Deus é a perfeição do amor, o homem, sendo criado conforme a imagem de Deus, deve refletir essa perfeição ao máximo possível. Crescer na experiência do amor e da caridade é crescer em direção à imagem de Deus e tornar-se mais unido com Ele. Todavia, o exercício da caridade exige uma outra pessoa. Ninguém tem caridade consigo mesmo. O amor precisa ser direcionado a uma outra pessoa para que se constitua em verdadeira caridade. Onde existe apenas uma pessoa não existe caridade. Daí, sua conclusão lógica de que se Deus é amor Ele não pode existir solitariamente, não pode ser um Deus uno.

Com respeito às relações mútuas na Trindade, se aquele que gerou é princípio do gerado, o Pai é princípio em referência ao Filho, porque o gerou. Entretanto não é uma investigação de pouca importância inquirir se o Pai é também princípio com relação ao Espírito Santo, pois está escrito: *procede do Pai*. Se assim for, é princípio não somente do que gera ou faz (o Filho), mas também da Pessoa que ele dá (o Espírito). Isso lançaria uma possível luz sobre a questão que a muitos preocupa, sobre a possibilidade de dizer-se que o Espírito Santo também seja Filho, já que sai do Pai, como se lê no Evangelho (Jo 15:26). Saiu do Pai, sim, mas não como nascido, mas como Dom, e por isso, não se pode dizer filho, já que não nasceu como o Unigênito e nem foi criado como nós, que nascemos para a adoção filial pela graça de Deus.<sup>30</sup>

O Espírito Santo, semelhantemente, distingue-se do Pai e do Filho como “dom comum” de ambos.<sup>31</sup> Surge então a questão: o que são, na verdade, os Três? Agostinho reconhece que tradicionalmente eles são designados como Pessoas, mas ele fica descontente com o termo. Provavelmente a expressão Lhe trazia a conotação de indivíduos separados. No fim, ele consente em usar a expressão, mas por causa da necessidade de afirmar a distinção dos Três contra o modalismo, e com um profundo sentido da inadequação da linguagem humana.<sup>32</sup> Sua teoria positiva, original e muito importante para a história subsequente da doutrina da Trindade no ocidente, foi a de que os Três são relações reais ou subsistentes. Em outras palavras, toda distinção nas Pessoas divinas consiste numa relação subsistente, mútua, entre elas.

O motivo que levou Agostinho a essa posição foi o dilema colocado pelos arianos.<sup>33</sup> Estes, baseando-se no esquema aristotélico das categorias,<sup>34</sup>

<sup>30</sup>A *Trindade* 5.15, pp. 208-209; 5.6, pp. 196-197; 5.8 pp. 199-201; 5.15.

<sup>31</sup>A *Trindade* 5.12, pp. 204-206; 5.15-17, pp. 208-213; 8.1, pp. 259-260.

<sup>32</sup>Como diz Calvino, Agostinho “diz que, em razão da pobreza da linguagem humana — em matéria de tão alta importância [a referência é *A Trindade* 5.8] —, a palavra hipóstase havia sido forçada pela necessidade, não para poder expressar-se o que é, apenas para que não se passasse em silêncio como são três o Pai, o Filho e o Espírito”. João CALVINO. *As Institutas da Religião Cristã* I.13.6. S.P.: CEP, 1985. p. 142.

<sup>33</sup>A *Trindade* 5.4. p. 194.

<sup>34</sup>J. N. D. KELLY. *op. cit.* pp. 12-13. Para Aristóteles, havia dez categorias: substância (*ousia* – no sentido de uma coisa), quantidade ou dimensão (*quantitas*), qualidade (*qualitas*), relação com alguma coisa (*relatio ad aliquid*), local (*locus*), tempo (*tempus*), posição ou situação (*situs*), hábito ou exterior (*habitus*), ação (*actio*), paixão ou ação sofrida (*passio*). Aristóteles acreditava que essas categorias representavam não apenas as maneiras da mente pensar no mundo externo, mas também os modos em que as coisas existem objetivamente nesse mundo.

afirmaram que as distinções na Divindade, se elas existissem, teriam que ser classificadas ou na categoria de substância ou na de acaso. Na categoria do acaso não poderia ser, pois em Deus não há nada acidental; se o fosse, porém, na categoria da substância, então a conclusão seria que existem três deuses.

Agostinho nega ambas as opções, explicando que a categoria da relação é uma alternativa possível. Os Três, ele passa a afirmar, são relações tão reais e eternas como o gerar, o ser gerado e o proceder, que fundamentam as relações dentro da Divindade.

Não há, pois, senão um bem simples e, conseqüentemente, senão um bem imutável — Deus. E esse bem criou todos os bens que, não sendo simples, são, portanto, mutáveis. Digo, precisamente, criou, isto é, fez, e não gerou. É que o que é gerado de um ser simples é simples como ele e é o mesmo que aquele que o gerou. A estes dois seres chamamos Pai e Filho e um e outro com o seu Santo Espírito são um só Deus. A este Espírito do Pai e do Filho se chama nas Sagradas Escrituras Espírito Santo por uma espécie de apropriação deste nome. É, porém, distinto do Pai e do Filho, pois não é nem o Pai nem o Filho. Disse que é *distinto* mas não é *outra coisa*, porque também Ele é igualmente simples, igualmente imutável e co-eterno. E esta Trindade é um só Deus e não deixa de ser simples por ser Trindade. (...) É por isso que se chama simples a natureza que nada tem que possa perder; ou é simples a natureza em que *aquela que tem* se identifica com *aquilo que tem*. [Portanto] chamam-se simples as perfeições que, por excelência e na verdade, constituem a natureza divina: porque nelas não é a substância uma coisa e a qualidade outra coisa.<sup>35</sup>

Assim, o Pai, o Filho e o Espírito Santo são relações, no sentido de que o que quer que cada um dEles seja, o é em relação a um ou a ambos dos demais.<sup>36</sup>

<sup>35</sup>A *Cidade de Deus* 11.10. pp. 1011-1012.

<sup>36</sup>A *Trindade* 5-7. pp. 191-258; Ver também AGOSTINHO. *Comentário aos Salmos 68* 1.5 [Enarrationes in psalmos] Salmos 51-100. S.P.: Paulus, 1997. pp. 435-437. Segundo J. N. D. KELLY. *op. cit.* p. 207: “Para as pessoas da atualidade, menos versadas em filosofia técnica, soa estranho a noção de que as relações (e.g. ‘acima’, ‘à direita de’, ‘maior’) possuem uma subsistência real, embora possam em geral concordar com sua objetividade, isto é, que tais relações existem por si mesmas, independentemente do observador. Para Agostinho, essa era uma idéia mais familiar, pois tanto Plotino quanto Porfírio haviam-na ensinado. Para ele, a vantagem era que, ao permitir que falasse significativamente sobre Deus num novo nível de linguagem, ela fazia com que fosse possível afirmar ao mesmo tempo a unidade e a pluralidade da Divindade, sem cair num paradoxo”.

## A PROCESSÃO DO ESPÍRITO SANTO

Agostinho também procurou explicar<sup>37</sup> o que é a processão (procedência) do Espírito Santo, ou em que ela difere da geração do Filho. Ele considerou como certo que o Espírito Santo é o amor mútuo do Pai e do Filho, o amor comum pelo qual o Pai e o Filho se amam mutuamente.<sup>38</sup> Assim, Agostinho afirma que “o Espírito Santo não é o Pai nem o Filho, mas somente o Espírito Santo do Pai e do Filho, igual ao Pai e ao Filho e pertencente à unidade da Trindade”.<sup>39</sup> Dessa maneira, em relação ao Espírito Santo, o Pai e o Filho formam um único princípio, o que é inevitável, pois a relação de ambos com o Espírito Santo é idêntica e onde não há diferença de relação sua operação é inseparável. Agostinho, pois, mais inequivocamente do que qualquer dos Pais ocidentais antes dele<sup>40</sup> ensinou a doutrina da dupla processão do Espírito Santo do Pai e do Filho, doutrina que, alguns séculos mais tarde, passaria a ser conhecida como o *Filioque*, palavra latina que significa “e do Filho”. Segundo Agostinho, o Pai é autor da processão do Espírito Santo porque Ele gerou um tal Filho, e ao gerá-lo tornou-o também fonte a partir do qual o Espírito procede e já que tudo o que o Filho tem, o tem do Pai, do Pai tem também que dEle proceda o Espírito Santo. Daqui, porém, não se deve concluir, ele nos adverte,<sup>41</sup> que o Espírito Santo tenha duas fontes ou princípios. Ao contrário, a ação do Pai e do Filho na processão do Espírito é comum, assim como é a ação de todas as três Pessoas na Criação. Além disso, não obstante a dupla processão, o Pai permanece a fonte primordial, na medida em que é dEle que deriva a capacidade do Espírito Santo proceder do Filho.<sup>42</sup>

<sup>37</sup>A *Trindade* 15.46. pp. 546-550.

<sup>38</sup>A *Trindade* 15.27-37. pp. 521-534. Em 7.6, p. 244, o Espírito Santo é referido como “suma caridade [amor], laço que une um ao outro [o Pai ao Filho], e nos submete a eles” (*summa charitas, utrumque coniungens, nosque subiungens*).

<sup>39</sup>A *Trindade* 1.7. p. 31.

<sup>40</sup>Antes de Agostinho, diversos Pais da igreja já haviam explanado o tema do mistério da Trindade. No oriente: Irineu de Lyon, Clemente de Alexandria, Atanásio, Basílio de Cesaréia, Gregório de Nissa, Gregório Nazianzo e Cirilo de Alexandria. No ocidente: Hipólito, Tertuliano, Hilário de Poitiers e Ambrósio. Apesar de reconhecer sua dívida para com eles, só menciona um escrito latino, o tratado *De Trinitate*, de Hilário (A *Trindade* 6.9). Além desse, certamente leu as traduções feitas para o latim dos escritos trinitários gregos, realizadas por seu amigo Mário Vítório.

<sup>41</sup>A *Trindade* 5.15. pp. 208-210.

<sup>42</sup>O que a teologia oriental (ortodoxa) nem sempre considerou é que os latinos, inclusive Agostinho, sempre conceberam o Pai como a fonte ou origem especial — a *origo principalis* —, na Trindade. O Espírito Santo, como afirma Agostinho, procede do Pai *principaliter*,

Entenda também que, assim como o Pai tem a vida em si mesmo, para que dele proceda o Espírito Santo, assim deu ao Filho para que dele também proceda o mesmo Espírito Santo; o qual procedeu de ambos, fora do tempo. E pelo fato de dizer-se que o Espírito Santo procede do Pai, deve-se entender que o Filho recebe-o do Pai, e então, o Espírito Santo procede também do Filho. Pois o que o Filho tem, recebe-o do Pai, e assim recebe do Pai para que dele proceda, o mesmo Espírito Santo.<sup>43</sup>

### A PRINCIPAL CONTRIBUIÇÃO DE AGOSTINHO À TEOLOGIA TRINITÁRIA<sup>44</sup>

Chegamos àquela que é provavelmente a contribuição mais original de Santo Agostinho à teologia trinitária, o uso de analogias tiradas da estrutura da alma humana. A função dessas analogias não é demonstrar que Deus é Trindade, mas aprofundar nosso entendimento do mistério da absoluta unidade e também da distinção real dos Três. No sentido estrito, de acordo com Agostinho,<sup>45</sup> há vestígios da Trindade em todo o lugar, porque as criaturas, na medida em que existem, existem por participar das idéias de Deus; portanto, tudo deve refletir, embora timidamente, a Trindade que as criou. Para buscar a Sua verdadeira imagem, entretanto, o homem deve olhar primeiramente dentro de si, porque a Escritura representa Deus dizendo “Façamos” [isto é, os Três] “o homem à nossa imagem e à nossa semelhança”. Mesmo o homem exterior, isto é, o homem considerado em sua natureza sensível, fornece “uma certa figura da Trindade”.<sup>46</sup> O processo de percepção, por exemplo, fornece<sup>47</sup>

---

procede do Pai e do Filho *communiter*, por causa do dom que o Pai dá ao Filho. A maioria dos ortodoxos poderia aceitar tal formulação, mas, até que um concílio ecumênico agisse, tal idéia continuaria sendo mero “ensino teológico” (*theologoumena*). *A Trindade* 15.50. pp. 553-555.

<sup>43</sup>A *Trindade* 15.47. p. 549.

<sup>44</sup>Millard ERICKSON. *Introdução à teologia sistemática*. S.P.: Vida Nova, 1997. p. 138: “A maior contribuição de Agostinho para a compreensão da Trindade são suas analogias extraídas do campo da personalidade humana. Ele argumentou que, se a humanidade é feita à imagem de Deus, que é triúno, é razoável esperar encontrar, numa análise da natureza humana, um reflexo, mesmo que tênue, da trindade de Deus.”

<sup>45</sup>AGOSTINHO. *A verdadeira religião*. 13. S.P.: Paulinas, 1987. pp. 48-49.

<sup>46</sup>A *Trindade* 11.1, pp. 335-336.

<sup>47</sup>A *Trindade* 11.2-5, pp. 337-342.

três elementos distintos que são ao mesmo tempo intimamente unidos, do qual o primeiro, em um certo sentido, gera o segundo, enquanto que o terceiro une os outros dois. Por exemplo, o objeto externo (*res quam videmus*, a coisa que vemos), a representação sensível da mente (*visio*, a visão), e a intenção ou ato de focalizar a mente (*intentio; voluntas; intentio voluntatis*, a intenção da vontade). Quando o objeto externo é removido<sup>48</sup> temos uma segunda trindade, que Ihe é superior, pois é localizada inteiramente dentro da mente. Nesse sentido, Agostinho fala da impressão da memória (*memoria*, a memória), a imagem interna da memória (*visio interna*, visão interna), e a intenção ou disposição da vontade. Para a imagem real, entretanto, da divindade Trindade, devemos olhar no homem interior, ou alma.<sup>49</sup>

Freqüentemente tem sido dito que a principal analogia trinitária do *A Trinitate*<sup>50</sup> é a do amante (*amans*), do objeto amado (*quod amatur*) e do amor que os une (*amor*). Mas a discussão de Agostinho dessa analogia da trindade é bastante curta, sendo apenas uma transição para aquela que ele considera sua mais importante analogia, a da atividade da mente como dirigida para si mesma ou, melhor ainda, para Deus.

Quem poderá compreender a Trindade onipotente? E quem não fala dela, ainda que não a compreenda? É rara a pessoa que, ao falar da Santíssima Trindade, saiba o que diz. Discute-se, debate-se, mas ninguém é capaz de contemplar essa visão, sem paz interior. Quisera meditassem os homens sobre três coisas que têm dentro de si mesmos, as três bem diferentes da Trindade. Indico-as, para que se exercitem, e assim experimentem e sintam quão longe estão desse mistério. Aludo à existência, ao conhecimento e à vontade. De fato existo, conheço e quero. Existo, sabendo e querendo; sei que existo e quero; quero existir e conhecer. Repare, quem puder, como é inseparável a vida nessas três faculdades: uma só vida, uma só inteligência, uma só essência.

---

<sup>48</sup>A *Trindade* 11.6, pp. 343-345.

<sup>49</sup>Santo Agostinho. *Comentário aos Salmos 42.6 [Enarrationes in psalmos]*; Salmos 1-50. S.P.: Paulus, 1997. pp. 718-719: “Por que estás triste, ó minha alma? E por que me perturbas?”: “Entendemos, então, que temos algo onde se encontra a imagem de Deus, a saber, a mente, a razão. A mente invocava a luz de Deus e a verdade de Deus. Com ela entendemos o que é justo e o que é injusto, discernimos o verdadeiro do falso... Nosso intelecto, por conseguinte, fala à nossa alma”.

<sup>50</sup>A *Trindade* 8.12-9.2, pp. 260-289. É interessante notar que na concepção barthiana-anselmiana a fé é *amans*, o entendimento da fé é *amatur* e a teologia é *amor*. Ver Karl Barth. *Fé em busca de compreensão*. S.P.: Novo Século, 2000. p. 68.

Como são inseparáveis os objetos dessa distinção. Distinção, no entanto, que existe! Cada um está diante de si mesmo. Estude-se, veja e responda-me. Contudo, mesmo que reflita e me responda, não julgue ter compreendido a essência deste Ser imutável que está acima de todas as criaturas, o Ser que imutavelmente existe, imutavelmente sabe e imutavelmente quer. Será, porventura, graças a essas três faculdades que há em Deus a Trindade, ou essa tríplice faculdade existe em cada uma das três Pessoas, de modo a serem três em cada uma? Ou ambas as coisas se realizam de modo admirável, numa simplicidade múltipla, sendo a Trindade o seu próprio fim infinito, pela qual existe, se conhece e se basta imutavelmente, na grande abundância de sua Unidade? Quem poderia exprimir facilmente esse conceito? Quem teria palavras para o exprimir? Quem, de algum modo, ousaria pronunciar-se temerariamente a esse respeito?<sup>51</sup>

Essa última analogia fascinou Agostinho por toda a sua vida, as trindades resultantes sendo: a) a mente, seu conhecimento de si mesma e seu amor de si mesma;<sup>52</sup> b) a memória, ou, mais propriamente, o conhecimento latente da mente de si mesma; o entendimento, isto é, sua apreensão de si mesma à luz das razões eternas; e a vontade, ou amor de si mesma, pela qual esse processo do ato de conhecimento é posto em movimento;<sup>53</sup> c) a mente, lembrando, conhecendo e amando ao próprio Deus.<sup>54</sup> Agostinho considera que somente quando a mente focalizou a si mesma com todas as suas potências de lembrança, entendimento e amor em seu Criador é que a imagem de Deus que ela traz em si, corrompida como está pelo pecado, pode ser plenamente restaurada.

Embora demorando-se nessas analogias, Agostinho não tem ilusões quanto às suas imensas limitações. Em primeiro lugar, a imagem de Deus na mente humana é, de qualquer maneira, uma imagem remota e imperfeita. Em segundo lugar, embora a natureza racional do homem exiba as trindades acima mencionadas, elas representam faculdades ou atributos que o ser humano possui, enquanto que a natureza divina é perfeitamente simples. Em terceiro lugar, a memória, entendimento e vontade operam no homem separadamente, enquanto que as três Pessoas divinas pertencem-se mutuamente e Sua ação é

perfeitamente una e indivisível. Finalmente, na Divindade os três membros da Trindade são Pessoas, mas o mesmo não ocorre na mente humana. Segundo as palavras do próprio Agostinho, a imagem da Trindade é uma pessoa, mas a suprema Trindade é Ela própria três Pessoas: o que é um paradoxo, quando alguém reflete que, não obstante isso, os Três são mais inseparavelmente um do que a trindade da mente.

O fundamento para seguir esta religião [cristã] é a história e a profecia. Aí se descobre a disposição da divina Providência, no tempo, em favor do gênero humano, para reformá-lo e restaurá-lo, em vista da posse da vida eterna. Credo nisso, a mente vai se purificando num modo de vida ajustado aos preceitos divinos. Isso a habilitará à percepção das realidades espirituais. Essas realidades não são nem do passado, nem do futuro, mas são sempre idênticas a si mesmas, imunes a qualquer mudança temporal. Trata-se do mesmo e único Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Conhecida essa Trindade – o quanto é possível na vida presente — sem dúvida alguma a mente percebe que toda criatura intelectual, animal e corporal, recebe dessa mesma Trindade criadora: o *ser* para ser o que é; a sua *forma*; e a direção dentro da perfeita *ordem* universal. Não se entenda por aí, porém, que apenas parcela das criaturas é feita pelo Pai, outra pelo Filho e outra ainda pelo Espírito Santo. O certo é que todas e cada uma das naturezas individuais recebe a criação do Pai pelo Filho, no dom do Espírito Santo. Visto que todas as coisas, substância, essência, natureza ou qualquer termo mais adequado, que se dê possui ao mesmo tempo estas três propriedades: é algo *único*, distingue-se por sua *forma* das demais coisas, e está dentro da *ordem* universal.<sup>55</sup>

## CONCLUSÃO

Essas, então, são as contribuições de Agostinho à doutrina trinitariana: a) Na explicação da Trindade, ele concebe a natureza divina, antes das Pessoas, separadamente. Sua fórmula da Trindade é: uma só natureza subsistindo em Três Pessoas. Ao contrário, a dos gregos era: Três Pessoas tendo uma mesma natureza. Em Agostinho, a divindade única aparece logo. A igualdade

<sup>51</sup> Santo Agostinho, *Confissões* 13.11 (S.P.: Paulus, 1997), pp. 412-413.

<sup>52</sup> *A Trindade* 9.2-8, pp. 287-296.

<sup>53</sup> *A Trindade* 10.17-19, pp. 330-334.

<sup>54</sup> *A Trindade* 14.11-15.28, pp. 453-557.

<sup>55</sup> *A verdadeira religião* 13, p. 48; *A Trindade* 15.43, pp. 541-543.

das Pessoas divinas também aparece com mais brilho.<sup>56</sup> b) Outro progresso da doutrina trinitariana de Agostinho é a insistência em fazer de todas as operações *ad extra*<sup>57</sup>, a obra indistinta das Três Pessoas. As operações exteriores lhe são atribuídas ou apropriadas. c) enfim, Agostinho lançou os fundamentos da teoria psicológica das processões, concernentes à origem do Filho e à do Espírito Santo. Agostinho, juntamente com os maiores teólogos que lograram vislumbrar as dimensões do mistério trinitário, costumavam terminar suas obras com orações ardorosas, de louvor e agradecimento, sempre conscientes de suas limitações. O silêncio reverente da razão deixa o coração extravasar sua admiração. Deus está envolto em mistério “na luz inacessível” (1 Tm 6:13-16):

Portanto, quando chegarmos à tua presença, cessará o muito que dissemos, mas muito nos ficará por dizer e tu permanecerás só, tudo em todos (1 Cor 15.28), e então eternamente cantaremos um só cântico, louvando-te em um só movimento, em ti estreitamente unidos. Senhor, único Deus, Deus Trindade, tudo o que disse de ti nestes livros, de ti vem. Reconheçam-no os teus, e se algo há de meu, perdoa-me e perdoem-me os teus. Amém.<sup>58</sup>

<sup>56</sup>A comunhão inseparável, recíproca e contínua, entre as Três Pessoas divinas é conhecida, em linguagem teológica, como *pericórese*. Esse termo foi usado pela primeira vez (como uma forma de afirmar a unidade divina) por João Damasceno (m. 749), o último dos Pais da igreja oriental (ortodoxa). Significa “conter um ao outro, habitar, como que morar, um no outro”. Essa palavra foi traduzida em latim, pelos escolásticos, por dois outros termos: *circumsessio* (de *circum*: em torno, *sessio*: ação de estar sentado; manifesta o aspecto estático da *pericórese*) e *circumcessio* (derivado de *circum* e *incedere*: que significa caminhar, permear, interpretar); lembra a comunhão contínua e eterna que vigora entre as Pessoas da Trindade, manifestando o aspecto dinâmico da *pericórese*. A escola franciscana com João Boaventura, João Duns Scotus e Guilherme de Ockham aprofundou o termo e a questão. Leonardo BOFF. *op. cit.* pp. 169-186.

<sup>57</sup>As ações *ad extra* são as que a Trindade opera para fora do círculo trinitário, como a criação do universo, a revelação, a salvação. As ações *ad intra* são as ações intratrinitárias, dentro do círculo trinitário, como a geração do Filho e a expiração do Espírito Santo pelo Pai e o Filho.

<sup>58</sup>A *Trindade*. 15.28. p. 28.

## ANEXO

### O Credo de Atanásio<sup>59</sup>

A origem do Credo de Atanásio é incerta. O que se sabe hoje é que ele não foi escrito por Atanásio (295-373). A mais antiga menção ao Credo de Atanásio é do século VI, no sul da França, mas a forma final é do século VIII. Ele foi escrito contra os arianos.

(1) Todo aquele que quer ser salvo, antes de tudo deve professar a fé católica [cristã]. (2) Quem quer que não a conserve íntegra e inviolada, sem dúvida perecerá eternamente. (3) E a fé católica consiste em venerar um só Deus na Trindade (4) e a Trindade na unidade, sem confundir as pessoas e sem dividir a substância. (5) Pois uma é a pessoa do Pai, outra a do Filho, outra a do Espírito Santo; (6) mas uma só é a divindade do Pai e do Filho e do Espírito Santo, igual a glória, coeterna a majestade. (7) Qual o Pai, tal o Filho, tal também o Espírito Santo. (8) Incriado é o Pai, incriado o Filho, incriado o Espírito Santo. (9) Imenso é o Pai, imenso o Filho, imenso o Espírito Santo. (10) Eterno o Pai, eterno o Filho, eterno o Espírito Santo; (11) contudo, não são três eternos, mas um único eterno; (12) Como não há três incriados, nem três imensos, porém um só incriado e um só imenso. (13) Da mesma forma, o Pai é onipotente, o Filho é onipotente, o Espírito é onipotente; (14) contudo, não há três onipotentes, mas um só onipotente. (15) Assim, o Pai é Deus, o Filho é Deus, o Espírito Santo é Deus; (16) e todavia não há três deuses, porém um único Deus. (17) Como o Pai é Senhor, assim o Filho é Senhor, o Espírito Santo é Senhor; (18) entretanto, não são três Senhores, porém um só Senhor.

<sup>59</sup>Wayne GRUDEM. *op. cit.* p. 996. O credo de Atanásio é freqüentemente conhecido com *Quicumque vult*, as palavras de abertura no original. Foi largamente usado pelas igrejas protestantes (por exemplo, nos *Trinta e Nove Artigos da Religião*, anglicana, na *Fórmula de Concórdia*, luterana, e nos *Cânones de Dort*, reformada). As igrejas orientais (ortodoxas), separadas de Roma, ainda hoje professam no Credo Niceno a fé no “Espírito que procede do Pai”, sem fazer menção ao *Filioque* (o Espírito Santo procede do Pai e do Filho), que, diziam, era um acréscimo posterior. A ênfase do Credo está em como pensar e falar corretamente sobre Deus, e também em como adorá-Lo retamente. As cláusulas de condenação (“quem quer que não a conserve íntegra e inviolada, sem dúvida perecerá eternamente”) não devem desviar nossa atenção do resto do Credo. A seção trinitariana, em particular, é um resumo perfeito e conciso, em termos simples, de uma doutrina difícil. Tony LANE. *op. cit.* pp. 110-113.

(19) Porque, assim como pela verdade cristã somos obrigados a confessar que cada pessoa, tomada em separado, é Deus e Senhor, assim também estamos proibidos pela religião católica de dizer que são três deuses ou três senhores. (20) O Pai por ninguém foi feito, nem criado, nem gerado. (21) O Filho é só do Pai; não feito, nem criado, mas gerado. (22) O Espírito Santo é do Pai e do Filho; não feito, nem criado, nem gerado, mas procedente. (23) Há portanto, um único Pai, não Três Pais; um único Filho, não três Filhos; um único Espírito Santo, não três Espíritos Santos. (24) E nesta Trindade nada é anterior ou posterior, nada maior ou menor; (25) porém todas as três pessoas são coeternas e iguais entre si; de modo que em tudo, conforme já ficou dito acima, deve ser venerada a Trindade na unidade e a unidade na Trindade. (26) Portanto, quem quer salvar-se, deve pensar assim a respeito da Trindade.

(27) Mas para a salvação eterna também é necessário crer fielmente na encarnação de nosso Senhor Jesus Cristo. (28) A fé verdadeira, por conseguinte, é crermos e confessarmos que nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, é Deus e homem. (29) É Deus, gerado da substância do Pai antes dos séculos, e é homem, nascido no mundo, da substância da mãe. (30) Deus perfeito, homem perfeito, subsistindo de alma racional e carne humana. (31) Igual ao Pai segundo a divindade, menor que o Pai segundo a humanidade. (32) Ainda que é Deus e homem, todavia não há dois, porém um só Cristo. (33) Um só, entretanto, não por conversão da divindade em carne, mas pela assunção da humanidade em Deus. (34) De todo um só, não por confusão de substância, mas por unidade de pessoa. (35) Pois, assim como a alma racional e a carne é um só homem, assim Deus e homem é um só em Cristo; (36) o qual padeceu pela nossa salvação, desceu aos infernos, ressuscitou dos mortos, (37) subiu aos céus, está sentado à destra do Pai, donde há de vir para julgar os vivos e os mortos. (38) À sua chegada todos os homens devem ressuscitar com seus corpos e vão prestar contas de seus próprios atos; (39) e aqueles que tiverem praticado o bem irão para a vida eterna; aqueles que tiverem praticado o mal irão para o fogo eterno. (40) Esta é a fé católica [cristã]. Quem não crer com fidelidade e firmeza, não poderá salvar-se.

## PÓS-MODERNIDADE E BIOÉTICA: UMA ANÁLISE CRISTÃ

Euler Renato Westphal\*

### INTRODUÇÃO

Em nossos dias, fala-se muito em pós-modernidade. Entende-se que vivemos na idade pós-moderna. O que significa isso? Na verdade, não se sabe bem o que vem a ser exatamente pós-modernidade. Existem alguns elementos que colocam referenciais para falarmos de pós-modernidade. O aspecto mais importante está relacionado com o avanço da biotecnologia, em especial, a partir da segunda metade da década de 1990. Ao contrário da pós-modernidade, a modernidade — com seus referenciais mecanicistas —, ainda é caracterizada pela ciência física e química, pela era industrial, na qual a natureza é transformada pelo fogo, ou seja, a tarefa do ser humano moderno é a de exercer força sobre a natureza. Na pós-modernidade as metáforas são tomadas da biologia, ou seja, da física newtoniana com sua visão de espaço, objeto e tempo absolutos em processo de superação, como paradigma único para a interpretação da realidade. Na ciência mecanicista, a realidade é concebida somente no interior do pensamento causal newtoniano e, por isso, é necessário descrever a realidade como um sistema fechado e mensurável. No entanto, viu-se que a questão do físico é uma parte e não o todo da realidade. Isso se comprova no fato de que a ciência fala em realidades metafísicas, que estão ligadas ao cérebro e ao código genético.<sup>1</sup>

A biologia é a metáfora fundamental na virada de milênio com sua visão da realidade. Essa é tida como uma rede de informações, que se encontra no interior das coisas. Assim, a realidade se constitui a partir dessas teias de informações, que alguns cientistas chamam de *Geist* (Espírito). Essa pala-

\* Euler R. Westphal (Dr.), é professor de Teologia e Bioética, e Diretor da Faculdade Luterana de Teologia – MEUC (CETEOL), em São Bento do Sul, SC.

<sup>1</sup> Cf. John HORGAN. *O fim da ciência*. Companhia das Letras. 1998.